

(TRANS)DISCIPLINARIDADE E CAMPO ACADÊMICO: APONTAMENTOS EPISTEMOLÓGICOS E PENSAMENTO COMPLEXO NA FUNDAMENTAÇÃO E INSTITUCIONALIZAÇÃO DOS ESTUDOS COMUNICACIONAIS

Rafael Soares Krambeck¹

RESUMO

Embora haja uma certa convergência e sobreposição de conteúdos e metodologias, quando buscamos caracterizar os estudos da Comunicação, ainda há uma certa sombra que nebula os limites e eixos do campo. Tal característica tem na origem e no desenvolvimento dos estudos uma grande influência visto os intensos fluxos e diálogos com áreas afins que, por vezes, embaralha tentativas disciplinares. No presente texto trago reflexões sobre o tema, para perceber criticamente a disciplinarização das ciências humanas e sociais e adotar o pensamento complexo enquanto paradigma histórico e epistemológico das Ciências da Comunicação. Faço isso a partir de uma revisão bibliográfica de autores que trazem diferentes perspectivas quanto à origem do campo (TÉTU, 2002; PROULX, 2014; BOURE, 2015; RÜDIGER, 2019) e, posteriormente, apresento alternativas possíveis (FERREIRA, 2004; LOPES, 2007; BRAGA, 2008; SODRÉ, 2013) para pensar o campo sem recair em armadilhas de buscar determinações definitivas e binárias e se adote uma visão mais sistêmica da constelação cooperativa e dialética que configura a área, considerando sua multiplicidade e complexidade.

PALAVRAS-CHAVE

Comunicação 1. Epistemologia 2. Campo Comunicacional 3. Pensamento Complexo 4. Transdisciplinaridade 5.

1 INTRODUÇÃO

O objetivo deste texto é discutir a epistemologia da comunicação a partir da sistematização de diferentes perspectivas para buscar delinear algumas das discussões teóricas e metodológicas que caracterizam o campo. Partindo de um resgate histórico sobre as origens do campo, passa-se a discutir a atual conformação dispersa e, por vezes, contraditória, para então, tensionar algumas proposições de resoluções ao aparente problema da dispersão.

Em seu artigo “Principais linhas epistemológicas contemporâneas” (1994), o professor de Teoria e Fundamentos da Educação Gelson Tesser apresenta uma

¹ Doutorando em Ciências da Comunicação pelo Programa de Pós-Graduação em Ciências da Comunicação da Universidade do Vale do Rio dos Sinos - UNISINOS. Mestre em Ciências da Comunicação pelo Programa de Pós-Graduação em Ciências da Comunicação da Universidade do Vale do Rio dos Sinos - UNISINOS (2013). Bacharel em Comunicação Social com Habilitação em Jornalismo pelo Centro Universitário Franciscano - UNIFRA (2010).

conceituação, ao mesmo tempo, bem despretensiosa do termo, e, inversamente, abastecida de uma potência de significados volumosa frente à simplicidade. De acordo com o autor, o conceito de epistemologia pode ser definido como “a ciência da ciência” (1994, p. 92). Nesse momento, ao voltarmos nossa atenção para a etimologia da palavra ciência, chegamos ao termo em latim “*scientia*”, que, por sua vez, significa “conhecimento”. Portanto, ao buscar aproximar-se de epistemologias, temos algumas questões que podem ser evidenciadas, afinal de contas, em que consiste o ato de conhecer o “*cognoscere*”?

Considerando mais especificamente o campo das chamadas “Ciências da Comunicação”, percebe-se que a questão tem ocupado um grande espaço nos ambientes acadêmicos e nas reflexões de diversos autores. A situação ainda recente da área, aliada ao nascimento quimérico, vigorosa dispersão de temas e ausência de discursos e giros epistemológicos fundadores parecem colocar a área em uma perpétua e escorregadia conjuntura.

Conformados por movimentos político-econômicos históricos, complexos e conflitivos, os sistemas midiáticos, as sociedades midiaticizadas e os processos de midiaticização geraram um real/histórico complexo contemporâneo, no qual diversidades de vida social estão atravessados, condicionados, influenciados e até redefinidos pelo “lugar estratégico na configuração das sociedades contemporâneas” (MALDONADO, 2019, p. 193) ocupado pelo campo midiático. Esses processos históricos complexos evidenciaram dinâmicas, formas e culturas específicas, o comunicacional organizou-se em várias dimensões e requer reconhecer a centralidade do mundo midiático na delimitação, compreensão e articulação dos problemas de comunicação que articulem a diversidade e a complexidade de dimensões, a abundância de contextos, e a multiplicidade de aspectos que os processos e fenômenos comunicacionais apresentam.

Se por um lado presenciamos irromper uma diversidade epistemológica e uma pluralidade de teorias da comunicação em congressos, encontros e livros da área, por outro, existem certas demandas – como as prático-pedagógicas no ensino de Comunicação, discutidas por Martino (2013) – que fazem necessária uma relativa organização dessa diversidade e pluralidade ao rigor disciplinar. Contudo, o próprio autor resgata a ambivalência da palavra “disciplina” para evidenciar que para além de um espaço discursivo

² Termo em latim que significa “ato de conhecer”.

de um corpo de saberes agrupados em um eixo pedagógico, a palavra também designa a organização e controle desses saberes.

Nesse sentido, os estudos de Foucault (1999, 2008) sobre o estabelecimento dos saberes enquanto discursos circulantes e regulamentadores da percepção e compreensão são potentes. Em distintas obras do filósofo francês, ele argumenta que a disciplinarização enquanto controle de saberes age de maneira a estabelecer normas, fronteiras e especificações e, dessa forma, antepõe as interpretações de uma dada realidade.

Mais especificamente na produção de conhecimentos comunicacionais, Maldonado (2019) elenca que um aspecto necessário para a reflexão da *práxis* da construção de teorias da comunicação é a subjugação da atividade teórica ao estudo escolar de autores e postulados consagrados pelo poder institucional, transnacional e local. Segundo o autor, trata-se de uma estruturação de poderes que o paradigma positivista estabeleceu como áreas e campos do conhecimento, produzindo uma conjuntura contraditória que, por um lado, favorece invenções, por outro, perturba o livre exercício de pensamento, a experimentação e a produção de conhecimentos inventivos.

Entretanto, mesmo debruçando-se na análise de quatro genocídios/epistemicídios provocados pela dominação ocidental capitalista do mundo e a emergência das estruturas de conhecimento modernas, Grosfoguel (2016) alerta para o fato de que o empreendimento colonial ocidental não foi absoluto e que algumas perspectivas epistêmicas não ocidentais sobreviveram e tem propiciado críticas e desestabilizações na hegemonia do paradigma positivista, possibilitando, assim, uma saída da epistemologia ocidental e relativa abertura para a existência de diversidade epistêmica. Contudo, não devemos recair na simplificação de uma celebração liberal e multiculturalista, mas sim, buscar nutrir-se de saberes culturais múltiplos para a formulação de uma epistemologia transformadora (MALDONADO, 2011) que gere alternativas de pensamento.

Então, tendo em vista a crescente crise do paradigma positivista como estrutura do pensamento e da *práxis* acadêmica e científica, experimentamos um momento profícuo à ruptura da hegemonia do paradigma cartesiano nos modos, nas concepções e nas expectativas de produção de conhecimentos (SANTOS, 2010).

Minha tese aqui é que para pensar sobre o pensamento comunicacional de maneira a desenvolvê-lo se faz necessária uma reflexão que abandone o infundável empreendimento

de buscar determinações definitivas e binárias e se adote uma visão mais sistêmica da constelação cooperativa e dialética que configura a área, considerando sua multiplicidade e complexidade.

2 ONDE ESTÁ A ORIGEM?

O processo de institucionalização da área das ciências da comunicação na esfera acadêmica teve uma importância fundamental no estabelecimento da diversidade de origens epistemológicas do campo. Nos Estados Unidos, na França e na Alemanha, esse processo teve origem em iniciativas de universidades e corporações, que criam programas de formação e pesquisa. Ou seja, a área é constituída nasce mais dessas decisões do que de um marco epistemológico fundante. Esse caminho produz uma contradição: sem gênese contígua na esfera epistemológica, a área ficará em débito em relação ao lugar epistemológico.

Quase na contramão da reflexão sobre a história do campo de estudo acadêmico da comunicação – que, majoritariamente, defendem suas origens norte-americanas –, Rüdiger (2019) vai argumentar que este relato precisa ser reexaminado, uma vez que se trata de um “mito acadêmico”. Segundo o autor, a tentativa de um movimento epistemológico começa na Alemanha, onde já na década de 1920 se atuava com caráter científico disciplinar sobre o assunto, empregando-se o termo *Publizistikwissenschaft* (ciência do publicismo ou publicística).

Nesse caso, o entendimento dos processos midiáticos é modelado seguindo parâmetros com finalidade de produzir uma comunicação educadora em benefício de uma ascensão ética social. Nesse sentido, a tradição idealista alemã vai desenvolver importantes pontos teóricos acerca da relação da imprensa com a opinião pública. Como produto de um contexto sócio-histórico característico, na publicística percebe-se uma tarefa problemática e volta-se predominantemente à uma epistemologia: o estudo dos processos da comunicação refletidos a partir de abordagens multidisciplinares.

Poderíamos afirmar que a ciência alemã despertou para algo que viria a ser importante nos estudos de comunicação: a reconfiguração da esfera pública por meio da ingerência dos meios de comunicação de maneira a modificar o ser e estar no mundo.

Contudo, o progresso de usos estratégicos dos meios até então desenvolvido – e de suma importância durante o período nazista – é paralisada por ocasião da Segunda Guerra Mundial e a comunicação pública perde sua centralidade, para ceder seu lugar à função reguladora das mídias. Em momentos posteriores, os conhecimentos da publicística foram pouco a pouco preteridos devido as transformações da contemporaneidade e a retomada e aperfeiçoamento dos estudos da comunicação referenciados em outras disciplinas.

Já o campo das ciências da comunicação nos Estados Unidos começa a surgir no período entreguerras por meio da sensibilização da opinião pública americana e controvérsias sociais sobre os impactos da propaganda – originalmente, durante a Primeira Guerra Mundial. Esses debates sobre a propaganda se inserem, posteriormente, num contexto mais amplo dos problemas formulados a partir dos meios massivos – cinema e rádio -, a “cultura de massa” e o advento de uma “sociedade de massas”.

No entanto, conforme Serge Proulx (2014), o ingresso dos Estados Unidos na Segunda Guerra Mundial determinou expressivamente as circunstâncias sociais tanto no tocante a institucionalização da área, assim como nas perspectivas epistemológicas adotadas na conformação do campo em formação. Neste momento, retoma-se a atenção à propaganda e o espaço público. Contudo, a preocupação americana focava-se nas mobilizações sociais para o empreendimento de guerra ao nazismo, por intervenção das ideias América-herói-civilização e Alemanha-vilão-barbárie.

Desta maneira, a institucionalização do campo das ciências da comunicação nos Estados Unidos vai se desenvolver em estreita relação com organizações governamentais e militares. Então, com o fim da guerra, o novo domínio das ciências sociais chamado de “pesquisas sobre comunicação de massa” desponta com intensidade, mantendo desenvolvimento militar-governamental das técnicas de propaganda “escondido”, mesmo que retomado logo no contexto da Guerra Fria a partir de 1948.

Nesse contexto de incentivo militar-governamental dos estudos de comunicação, podemos identificar alguns dos principais programas de pesquisa em comunicação executados nesse momento – e que resultam em uma herança para o desenvolvimento da área nos Estados Unidos:

1. Carl I. Hovland analisa os filmes de propaganda destinados a convencer os soldados americanos em formação - o que resulta numa posterior investigação psicológica sobre o tema da persuasão;
2. Harold D. Lasswell desenvolve uma metodologia de análise de conteúdo e a aplica ao corpus de mensagens de propaganda “branca” (destinadas aos públicos dos países aliados) e de propaganda “negra” (isto é, que mascaram o autor da mensagem). Esses trabalhos (1 e 2 são a base para a “análise de conteúdos” das mensagens midiáticas
3. Norbert Wiener conduz os trabalhos de matemática aplicada com o propósito de aperfeiçoar a precisão operativa dos canhões antiaéreos. Essa tarefa fornecerá as bases para a cibernética.
4. Claude E. Shannon realiza análises criptográficas sobre os sinais de telecomunicação. Esses trabalhos levaram Shannon a construir a “Teoria da Informação”
5. Wilbur Schramm trabalha na redação dos discursos do presidente Roosevelt dirigidos para a difusão radiofônica e ele será responsável também pela produção de mensagens de informação e de propaganda destinada aos públicos domésticos (propaganda branca) e aos públicos de países adversários (propaganda negra).

A partir dessa sua atuação no planejamento de campanhas de “comunicação pública” e a avaliação dos efeitos dessas campanhas de comunicação sobre as pessoas, Schramm desenvolve sua visão do campo da comunicação através de uma perspectiva neo-humanista, behaviorista e positivista, definindo a comunicação pública primeiramente como um ato de persuasão, ação suscetível de ser avaliada por meio de metodologias especialmente quantitativas. É dessa visão de uma comunicação acima de tudo persuasiva que se constitui o paradigma de criação e organização dos principais programas de doutorado em comunicação nos Estados Unidos.

Finalmente – não que esse texto tenha alguma pretensão de exaurir e chegar ao fim dessa contextualização-, precisamos elencar aqui a contribuição de Paul Lazarsfeld e a Escola de Columbia na inovação ao buscar produzir essas “provas científicas” a respeito dos chamados impactos da ação dos meios sobre as atitudes e comportamentos dos indivíduos. A principal tese da Escola de Columbia consiste em demonstrar que a “comunicação de massa” não é eficaz o suficiente para modificar significativamente (ela somente) as atitudes ou os comportamentos dos usuários dos meios.

Posteriormente, três linhagens de pesquisa irão desenvolver-se: “usos e gratificações”, estudos sobre a difusão da inovação através das redes de relações interpessoais e *knowledge gap*. Enquanto, por outro lado, a linhagem da *agenda-setting*, as pesquisas históricas sobre os impactos sociais das tecnologias de comunicação e à teoria da incubação cultural dos telespectadores.

Necessário também refletir sobre o percurso francês de desenvolvimento de um campo de ciências da comunicação – intimamente vinculada ao desenvolvimento brasileiro³. A institucionalização francesa trouxe um legado situado na interpretação analítica, em particular, o estruturalismo. Se para autores como Tétu (2002), as origens francesas das Ciências da Comunicação são perceptivelmente literárias, segundo Boure (2015), estas mesmas origens são, na realidade, plurais.

Contudo, para além dessa discussão, a contribuição trazida pelo foco francês no código (a semiologia) vai se configurar em algo imprescindível e inerente aos estudos de comunicação, uma vez que situado entre os polos de emissão e recepção, e os meios. Os códigos são sujeitos a observação e análise, sendo assim elementares para uma crítica da epistemologia dos usos persuasivos das mídias.

3 DE QUE COMUNICAÇÃO FALAMOS?

Apoiando-se resgate histórico feito anteriormente, podemos facilmente perceber que a área dos estudos em comunicação, seja em relação às pesquisas, seja em relação aos processos formativos, desenvolve-se em uma diversidade de caminhos, que em grande parte vão refletir a maneira que a área vem se configurando, ou seja, sem uma biblioteca teórica particular.

Na perspectiva de Martino (2004; 2007), existem três coeficientes determinantes para sua acelerada aceitação e institucionalização: a abundância dos processos comunicacionais; a incontestável importância de seu estudo; a urgência de seus propósitos. Inclusive, o autor argumenta que, no campo da comunicação, as instituições foram criadas antes de qualquer processo que resolvesse o insatisfatório estado da fundamentação teórica

³ Para mais informações sobre essa ligação origens das Ciências da Comunicação no Brasil e a perspectiva francesa, ver Damasio; Costa e Silva, 2019.

da área e que existência de instituições, associações, revistas especializadas ludibriam nossa percepção com uma ideia de uma área estabelecida.

O grande incômodo de Martino reflete a ausência de discursos fundadores nas ciências da comunicação. Certamente, a origem dispersa do conhecimento da área pouco tem comum com ciências que se estabelecem numa relação direta com o objeto de estudo, como a biologia e os seres vivos ou a psicologia e o comportamento. Entretanto, além dessa relação, devemos considerar que esses discursos são reconhecidos como teorias, ou seja, hipóteses incisivas sobre tais objetos.

Mesmo que, no desenrolar da ciência surjam novas explicações teóricas, uma teoria tem uma conformação mais epistemológica, mais abstrato, formal e generalizável, não se atendo a um fenômeno concreto. Então, o problema consiste no fato de que as pesquisas desenvolvidas na área da comunicação mobilizam teorias herdadas de áreas afins para construir explicações teóricas de fatos particulares, sem nunca alcançar essa conformação.

Em uma perspectiva distinta, Lopes (2007) deriva do processo de globalização como um novo paradigma histórico e epistemológico, a discussão sobre a crise das ciências sociais e humanas para refletir a área da comunicação nesse contexto. Para a autora, a revisão imposta pela globalização provoca um movimento de convergência de saberes, não como amalgama, mas um produto de relações.

A disciplinarização e compartimentação das ciências estão mais relacionadas ideologias e empreitadas “organizativas” do que a exigências epistemológicas, teóricas e metodológicas internas dos processos de produção do conhecimento. Portanto, a *transdisciplinarização* ou *pós-disciplinarização* (LOPES, 2007) podem ser caminhos profícuos para a transcendência destes limites de modo a estabelecer um campo de conhecimento que dependa mais da pertinência e potência da produção que de quaisquer filiações institucionais, ou nas palavras da autora, “superação dos limites entre especialidades fechadas e hierarquizadas, e o estabelecimento de um campo de discurso e práticas sociais cuja legitimidade acadêmica e social vai cada vez mais depender da profundidade, extensão, pertinência e solidez das explicações que produza” (LOPES, 2007, p. 10).

Não obstante, há de se considerar que as ciências da comunicação e as outras ciências sociais e humanas possuem uma relação estabelecida de maneira orgânica, não apenas pela ampla mediação midiática da sociedade contemporânea, como também pelo

fato de que a sociedade da Sociologia, o mercado da Economia e o Estado da Ciência Política não funcionam de maneira isolada, nem entre eles, nem em relação aos processos da comunicação das Ciências da Comunicação. Pensar a comunicação enquanto transdisciplinar consiste em situá-la não entre disciplinas, mas, transversalmente a elas.

Nesse ponto, o paradigma epistemológico trazido pela abordagem do pensamento complexo na ciência (MORIN, 2000) incita à relação lógica transdisciplinar. Na perspectiva de Morin (1982), o paradigma da complexidade é determinado como “conjunto de princípios de inteligibilidade que, ligados uns aos outros, poderiam determinar as condições de uma visão complexa do universo físico, biológico, antropossocial” (1982, p. 246). O autor se opõe à simplificação e o isolamento dos objetos e estudos, estimulando o pesquisador a investir em estratégias que possam dar conta da multiplicidade e multidimensionalidade da realidade estudada.

Retornando à um ponto de vista de Martino (2004; 2007), num raciocínio simples, se a origem dispersa, o desenvolvimento inverso – criam-se instituições, depois reflete-se a teoria – e a ausência de teorias fundantes da área são justificativas para não considerar a comunicação enquanto uma disciplina, a ideia de transdisciplina – sugerida por Lopes (2007) – parece mais proveitosa à área tendo em vista a complexidade, o dinamismo e potência dos objetos comunicacionais.

4 IDENTIDADE TENTATIVAS OU TENTATIVAS DE IDENTIDADE

Diante de um posicionamento tão “inapropriado” à adequação das Ciências da Comunicação aos critérios de disciplina, como construir parâmetros para a temática da identidade da área? Aqui, apresento três possibilidades de desenvolvimento, a perspectiva de uma nova inteligibilidade sugerida por Sodré (2013), a ideia de disciplina indiciária proposta por Braga (2008) e, por fim, a concepção de linhagens de pesquisa indicada por Ferreira (2004).

A abordagem de Muniz Sodré (2013) propõe a figura do intérprete-redescritor para um novo sistema de inteligibilidade para os processos comunicacionais. Para o autor, a comunicação deve ser vista enquanto uma *ciência redescritiva*, em outras palavras, um campo científico apto a reler questões tradicionais da sociedade considerando as mudanças

culturais provocada pelo desenvolvimento tecnológico. Além disso, um campo que possa revisar a ciência e o caráter artístico sem as tradicionais barreiras entre disciplinas.

Segundo o autor, a violência semiótica da globalização, o esvaziamento de referências e o desgaste da legitimidade das instituições tem reflexo diretamente no laço social, enquanto vínculo coesivo da humanidade, uma vez que as relações humanas passam a ser permeadas por máquinas conforme uma racionalidade apenas mercadológica. Então, o campo da comunicação passa a ser essencial à emergência de um conhecimento com vistas à reedificação do sujeito humano, nas palavras do autor, “um novo sistema de inteligibilidade para a diversidade processual da comunicação enquanto ciência específica do modo de produção ativo do conhecimento, possivelmente na direção de uma releitura do vínculo comunitário ou laço social” (SODRÉ, 2013, p. 67).

Considerando que as pesquisas de ciências humanas e sociais se desenvolvem independentes ou em articulação com outras ciências em configurações epistemológicas diversas, José Luiz Braga (2008) reflete sobre determinados modelos de produção de conhecimento e afirma que a dificuldade de encontramos pesquisas nomotéticas na área da comunicação, incentiva os pesquisadores a buscar proposições abstratas em três principais fontes: a) leis e regularidades expressas em teorias de áreas vizinhas; b) conhecimentos sobre o mundo, derivados de outros modos de observação e análise, em disciplinas não-nomotéticas; c) proposições abrangentes derivadas de elaborações ensaísticas ou de especulação filosófica.

Mesmo reconhecendo a produtividade dessas fontes, o autor enxerga uma série de limitações nessa prática. Por outro lado, a predominância de estudos de caso no campo da comunicação resulta na ausência de pesquisas nomotéticas. Então, propõe um modelo epistemológico baseado do paradigma indiciário para sugerir que a articulação de diferentes estudos de caso viabilizaria inferências de ordem mais geral, relevantes para a constituição do campo da comunicação.

Contudo, em relação as “problemáticas” heranças da área da comunicação, há de se considerar que dificilmente, elas serão suprimidas do campo uma vez que, conforme os objetos de pesquisa, a sociologia de Bourdieu, a filosofia de Foucault, a semiótica de Peirce, entre outros, estarão presentes enquanto referências. Essa produção de conhecimento externa às Ciências da Comunicação são formulações que permitem ao pesquisador

contextualizar processos midiáticos e/ou analisar determinadas configurações socioculturais. Além disso, há de se considerar que, mesmo essencialmente importantes, o conhecimento “estrangeiro” é insuficiente sem pesquisa, novas inferências e hipóteses em relação ao campo midiático.

No entanto, indiscutivelmente, essas teorias e concepções mesmo que não inatas da área configuram um horizonte de referências da área bem característico, no qual Jairo Ferreira (2004) observa um potencial para a reflexão acerca das linhagens de pesquisa observadas. Conforme o autor, não há uma solução de autor fundante praticável, então, como alternativa, os espaços de pesquisa na área da comunicação permitem tensionamentos epistemológicos que resultam na construção social do conhecimento coletiva, em interlocuções entre os pares.

Desta forma estabelecem-se estruturas e sistemas de interpretação que vão se apropriando das teorias herdadas de maneira a adequá-las ao campo da comunicação alcançando gradativamente conhecimentos singulares da área da comunicação, que não mais os de origem. Portanto, as linhagens de pesquisa vão se diferenciando e dialogando, a partir de suas singularidades.

Portanto, ao retomar a questão do reconhecimento e legitimação das Ciências da Comunicação no âmbito da produção de conhecimento, perpassa pelas dinâmicas do campo acadêmico, mais que por teorias fundantes da área.

5 CONSIDERAÇÕES

Ao final da reflexão exposta aqui, a principal constatação que desponta é que as Ciências da Comunicação se apresentam como uma quimera insurgente e obstinada. Assim como o monstro mitológico possui parte de um leão, uma cabra e uma serpente, a pesquisa em comunicação surge por um lado, em diversas localidades, por outro, através da articulação entre “partes” da sociologia, antropologia e outras ciências sociais e humanas em um mosaico impossível de ser apreendido de modo linear e com limites precisos e nítidos.

Diferentes pesquisadores argumentam que os estudos da área eclodiram em diferentes países, Alemanha, Estados Unidos e França, como demonstrado anteriormente. De maneira não muito surpreendente, a observação a ser feita aqui é a de que são três

países do “norte global”, o que pode indicar que seria profícuo considerar dimensões sócio-históricas não apenas do desenvolvimento destes estudos, mas também da difusão deles para o resto do mundo.

O grande mal-estar expresso por Martino não parece muito adequado visto que buscar uma teoria fundante de uma área já estabelecida não é plausível, assim como, esperar uma maturidade teórica da área. Inclusive, quando ele afirma “o saber comunicacional parece ter se desenvolvido numa direção diferente da de outros saberes” (2004, p. 13), deveríamos imaginar que o saber comunicacional percorreria um caminho alternativo àqueles deveria seguir um caminho específicos e idênticos aos outros saberes. Mesmo quando diversos autores (FOUCAULT, 1999; 2008; GROSGUÉL, 2016; SANTOS, 2010) já tenham questionado a reivindicação da ciência moderna ocidental de situar-se como modo exclusivo de produzir conhecimentos, essa necessidade de adequar-se ao padrão soa como uma herança do positivismo.

Nesse ponto, vejo as ideias de *transdisciplinarização* ou *pós-disciplinarização* e *ciência redescritiva* – propostas por Lopes (2007) e Sodré (2013), respectivamente - como lugares interessantes para pensar a comunicação. Até mesmo porque, ao considerarmos a complexidade e multidimensionalidade do campo, a articulação de diversos saberes provenientes de diversas disciplinas – ou até mesmo de áreas da experiência humana – pode ser extremamente produtiva. Entretanto, não se trata de elevar características como a complexidade e multidimensionalidade do campo à níveis infundáveis e/ou desconexos, pois, tendo em mente, as suas origens misturadas com vários campos, o campo de conhecimento em comunicação solicita um esforço paradoxal de distinção de problemáticas, problemas/objeto, projetos e pesquisas pertinentes que garantam uma ênfase, um foco e uma centralidade comunicacional.

Então, a perspectiva trazida por Ferreira (2004) traz pontos interessantes para pensarmos a constituição do campo como algo mais orgânico e com um dinamismo próprio autorregulado pela cooperação entre pares. As múltiplas dimensões e contextos dos processos comunicacionais e midiáticos necessitam de um esforço intelectual e científico que ultrapasse as limitações dos formatos disciplinares e perspectivas lineares e mecanicistas na apreensão e compreensão da complexidade do real concreto.

Os nossos objetos/problema têm complexidades que demandam a confluência de várias estruturações teóricas ('disciplinas', campos, áreas, projetos), para produzir abordagens vigorosas sobre as problemáticas em comunicação (Maldonado, 2019), assim, ao alimentar-se das teorias das mais diversas disciplinas, é suscitador partir de uma postura construtiva transdisciplinar. Contudo, não se trata de denegar o disciplinar para construir o transdisciplinar, pois, uma de suas condições epistêmicas do transdisciplinar é a concretização disciplinar. Então, a prática teórica e metódica interrelacional prevê o trabalho a partir daquilo que foi rigorosamente construído dentro dos enquadramentos disciplinares e nos oferecem condições para relações, intercâmbios, convergências, atravessamentos, reformulações teórico/metodológicas férteis.

Tendo em vista o campo das Ciências da Comunicação, historicamente, temos um campo complexo e originado de diversos outros campos. Novamente, temos uma faca de dois gumes, pois, por um lado, a origem heterogênea do campo reflete em uma predisposição à transdisciplinaridade necessária para compreender a multidimensionalidade e multicontextualidade dos objetos-problemas, contudo, cabe ressaltar que posturas transdisciplinares fecundas e vigorosas exigem o trabalho enérgico com aquilo que fora construído. Em contrapartida, essa mesma origem "híbrida" da comunicação solicita de um esforço de distinção das temáticas e questões propriamente comunicacionais, uma vez que, hoje em dia, muitos dos processos sociais, culturais, econômicos, políticos, religiosos estão atravessados por lógicas midiáticas.

Portanto, em um campo tão acelerado como das Ciências da Comunicação, mais que uma teoria que se quer universal, precisamos de uma constelação de conhecimentos para dar conta dos processos midiáticos.

REFERÊNCIAS

BOURE, Robert. A história das Ciências da Informação e da Comunicação na França: o caso das origens literárias das CIC. **Questões Transversais** – Revista de Epistemologias da Comunicação, São Leopoldo, v. 3, n. 5, p. 3-21, jan.-jun., 2015. Disponível em: <http://revistas.unisinos.br/index.php/questoes/article/view/10648>. Acesso em: 19 mai. 2020.

BRAGA, José Luiz. Comunicação, disciplina indiciária. **Matrizes**, São Paulo, v. 1, n. 2, p. 73-88, abr., 2008. Disponível em: <https://www.revistas.usp.br/matrizes/article/view/38193>. Acesso em: 19 mai. 2020.

DAMASIO, João; COSTA E SILVA, Pedro Vasconcelos. Origens brasileiras das Ciências da Comunicação: aspectos da formação francesa nas trajetórias docentes dos primeiros PPGs. **Questões Transversais** – Revista de Epistemologias da Comunicação. São Leopoldo, v. 7, n. 14, p. 68-79, jul.-dez., 2019. Disponível em: <http://revistas.unisinos.br/index.php/questoes/article/view/19784>. Acesso em: 19 mai. 2020.

FERREIRA, Jairo. Campo acadêmico e epistemologia da comunicação. In: LEMOS, André; PRYSTON, Angela; SILVA, Juremir Machado da; SÁ, Simone Pereira de (org.). **Mídia.br**: livro da XII COMPÓS - 2003. Porto Alegre: Sulina, 2004. p. 115-129.

FOUCAULT, Michel. **Em defesa da sociedade**: Curso no Collège de France (1975-1976). São Paulo: Martins Fontes, 1999.

_____. **A arqueologia do saber**. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2008.

GROSFUGUEL, Ramón. A estrutura do conhecimento nas universidades ocidentalizadas: racismo / sexismo epistêmico e os quatro genocídios / epistemicídios do longo século XVI. **Sociedade e Estado**, Brasília, v. 31, n. 1, p. 25-49, Jan./Abr. 2016. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/se/a/xpNFtGdzw4F3dpF6yZVVGgt/?lang=pt&format=pdf>. Acesso em: 13 abr. 2020.

LOPES, Maria Immacolata Vassallo de. Comunicação, disciplinaridade e pensamento complexo. In: ENCONTRO DA ASSOCIAÇÃO NACIONAL DOS PROGRAMAS DE PÓS-GRADUAÇÃO EM COMUNICAÇÃO, 16., 2007, Curitiba. **Anais...** Curitiba: Compós, 2007. p. 1-16. Disponível em: http://www.compos.org.br/data/biblioteca_221.pdf. Acesso em: 14 mai. 2020.

MALDONADO, Alberto Efendy. Pesquisa em comunicação: trilhas históricas, contextualização, pesquisa empírica e pesquisa teórica. In: MALDONADO, A. E. et al **Metodologias de Pesquisa em Comunicação**. Porto Alegre: Sulina, 2011. p. 279-303

_____. El desafío epistemológico de la praxis teórica en la construcción de teorías de la comunicación. **Mediaciones Sociales**, v. 18, p. 11-24, abr. 2019. Disponível em: <https://revistas.ucm.es/index.php/MESO/article/download/62330/4564456551183>. Acesso em: 6 abr. 2020.

MARTINO, Luiz Claudio. História e identidade: apontamentos epistemológicos sobre a fundação e fundamentação do campo comunicacional. **E-Compós**, Brasília, v. 1, p. 1-17, dez. 2004. Disponível em: <https://www.e-compos.org.br/e-compos/article/view/22>. Acesso em: 10 out. 2020.

_____. Uma questão prévia: existem teorias da comunicação? In: MARTINO, Luiz Claudio (Org.). **Teorias da comunicação**: muitas ou poucas? Cotia: Ateliê Editorial, p. 13-42, 2007.

MARTINO, Luis Mauro Sá. A disciplinarização da Epistemologia no ensino da(s) Teoria(s) da Comunicação. **Intexto**, Porto Alegre, n. 29, p. 5-22, dez. 2013. Disponível em: <https://seer.ufrgs.br/intexto/article/view/40193/27815>. Acesso em: 27 jan 2021.

MORIN, Edgar. **Ciência com consciência**. Lisboa: Europa-América, 1982.

_____. **A cabeça bem feita**. Rio de Janeiro: Bertrand, 2000.

PROULX, Serge. As pesquisas norte-americanas sobre a comunicação: a institucionalização de um campo de estudo. **Questões Transversais** – Revista de Epistemologias da Comunicação. São

Leopoldo, v. 2, n. 4, p. 56-64, jul.-dez., 2014. Disponível em:
<http://revistas.unisinos.br/index.php/questoes/article/view/9620>. Acesso em: 19 mai. 2020.

RÜDIGER, Francisco. A trajetória da publicística como proposta criadora de uma ciência da comunicação autônoma nos países de língua alemã. **Comunicação & Sociedade**. São Paulo, v. 33, n. 57, p. 103-128, jan.-jun., 2012. Disponível em: <https://www.metodista.br/revistas/revistas-ims/index.php/CSO/article/view/2825/2954> Acesso em: 21 mai. 2020.

SANTOS, Boaventura de Sousa. **Um discurso sobre as ciências**. São Paulo: Cortez, 2010.

SODRÉ, Muniz. Um novo sistema de inteligibilidade. **Questões Transversais – Revista de Epistemologias da Comunicação**. São Leopoldo, v. 1, n. 1, p. 66-73, jan.-jul., 2013. Disponível em: <http://revistas.unisinos.br/index.php/questoes/article/view/5709>. Acesso em: 19 mai. 2020.

TESSER, Gelson João. Principais linhas epistemológicas contemporâneas. **Educar em Revista**, Curitiba, v. 10, n. 10, p. 91-98, dez., 1994. Disponível em: <
<https://www.scielo.br/j/er/a/RqVtSyMvVkrCQVGtbxKYZpt/?lang=pt&format=pdf>>. Acesso em: 21 mai. 2020.

TÉTU, Jean-François. Sur les origines littéraires des SIC. In: BOURE, Robert (org.). **Les origines des sciences de l'information et de la communication**: Regards croisés. Lille: Presses universitaires du Septentrion, p. 71-94, 2002

(Trans)Disciplinary and academic field: epistemological notes and complex thinking in the foundation and institutionalization of a field of communicational studies

ABSTRACT

Although there is a certain convergence and overlapping of contents and methodologies, when we seek to characterize Communication studies, there is still a certain shadow that blurs the limits and axes of the field. This characteristic has a great influence on the origin and development of studies, given the intense flows and dialogues with related areas, which sometimes confuse disciplinary attempts. In this text, I bring reflections on the theme, to critically understand the disciplining of human and social sciences and adopt complex thinking as a historical and epistemological paradigm of Communication Sciences. I do this from a literature review of authors who bring different perspectives on the origin of the field (TÉTU, 2002; PROULX, 2014; BOURE, 2015; RÜDIGER, 2019) and, later, I present possible alternatives (FERREIRA, 2004; LOPES, 2007; BRAGA, 2008; SODRÉ, 2013) to think about the field without falling into the traps of seeking definitive and binary determinations and adopting a more systemic view of the cooperative and dialectical constellation that configures the area, considering its multiplicity and complexity.

Keywords: Communication 1. Epistemology 2. Communication Field 3. Complex Thinking 4. Transdisciplinarity 5.

(Trans)disciplinariedad y campo académico: apuntes epistemológicos y pensamiento complejo en la fundación e institucionalización de un campo de estudios comunicacionales

RESUMEN

Si bien existe una cierta convergencia y superposición de contenidos y metodologías, cuando buscamos caracterizar los estudios de Comunicación, aún existe una cierta sombra que desdibuja los límites y ejes del campo. Esta característica tiene una gran influencia en el origen y desarrollo de los estudios, dados los intensos flujos y diálogos con áreas afines, que en ocasiones confunden los intentos disciplinarios. En este texto, traigo reflexiones sobre el tema, con el fin de comprender críticamente la disciplina de las ciencias humanas y sociales y adoptar el pensamiento complejo como paradigma histórico y epistemológico de las Ciencias de la Comunicación. Lo hago a partir de una revisión de la literatura de autores que aportan diferentes perspectivas sobre el origen del campo (TÉTU, 2002; PROULX, 2014; BOURE, 2015; RÜDIGER, 2019) y, posteriormente, presento posibles alternativas (FERREIRA, 2004; LOPES, 2007; BRAGA, 2008; SODRÉ, 2013) para pensar en el campo sin caer en las trampas de buscar determinaciones definitivas y binarias y adoptar una visión más sistémica de la constelación cooperativa y dialéctica que configura el área, considerando su multiplicidad y complejidad.

Palabras clave: Comunicación 1. Epistemología 2. Campo de la comunicación 3. Pensamiento complejo 4. Transdisciplinariedad 5.

Recebido em: 10/09/2021

Aceite em: 19/10/2022